

Do e-social ao G4: primeiras notas sobre o uso de letras morfológicas no português do Brasil

Carlos Alexandre GONÇALVES¹

Lalia do Nascimento de SOUZA²

Luciano MENDONÇA JR³

Sarina Batista SANTOS⁴

1 Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
| carlosvictorio@letras.ufrj.br | <https://orcid.org/0000-0003-3672-3852>

2 Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
| lalia.crystian@letras.ufrj.br | <https://orcid.org/0000-0003-3672-3852>

3 Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
| lucianovieira@letras.ufrj.br | <https://orcid.org/0000-0002-4653-4150>

4 Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
| sarinabatista@letras.ufrj.br | <https://orcid.org/0009-0001-4780-4327> / [0009-001-4780-4327](https://orcid.org/0009-001-4780-4327)

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v22i2.4076>

Resumo: Neste texto, de caráter seminal e de natureza mais descritiva que propriamente teórica, buscamos descrever e analisar o amplo emprego de letras na criação lexical, a exemplo de ‘e-social’, ‘G4’ e ‘zêbado’. Pretendemos explicar, com base nos dados, coletados a partir de fontes as mais variadas, as letras iniciais e-, G- e z-, dentre outras, que formam novos itens lexicais, defendendo que essas letras morfológicas advêm de três diferentes fontes: (a) empréstimos do inglês, (b) abreviação e (c) analogia.

Palavras-chave: Morfologia. Formação de palavras. Inicialismo. Splinter. Sigla.

From e-Social to G4: first notes on the use of morphological letters in Brazilian Portuguese.

Abstract: This article, which is descriptive rather than strictly theoretical in nature, describes and analyzes the widespread use of letters in lexical creation, as seen in terms such as ‘e-Social’, ‘G4’, and ‘zêbado’. Drawing on data collected from a variety of sources, we examine how initial letters like e-, G-, and z-, among others, form new lexical items. The study argues that these “morphological letters” originate from three distinct sources: (a) English loanwords, (b) abbreviation, and (c) analogy.

Keywords: Morphology. Word formation. Initialism. Splinter. Acronym.

| Introdução

Vem sendo cada vez mais comum o uso de letras (grafemas) na formação de novas palavras. Algumas delas, como o e-, provêm do inglês e já vem criando uma série de itens lexicais na língua portuguesa há quase vinte anos, sendo usadas, atualmente, até em *sites* oficiais do governo, como ‘e-MEC’, ‘e-social’. Como ressaltam Antunes *et al.* (2001), esses “e-termos” resultam da importação do inicialismo inglês e-, abreviação, ao tamanho de uma letra, de *eletronic mail* (“correio eletrônico”), o ‘e-mail’.

Gonçalves e Almeida (2012) atentaram para o emprego de formas encurtadas do inglês na criação lexical e analisaram não apenas o e-, mas também *wiki-*, *-pedia*, *pit-* e *gate*, além do *i-*, letra originalmente empregada pela empresa *Apple* para nomear aparelhos como o ‘i-pad’ e o ‘i-phone’. Essas unidades, chamadas de xenoinstituintes (Gonçalves; Almeida, 2012) e *splinters* não nativos (Gonçalves;

Andrade, 2012; Pires, 2018), já não são necessariamente empréstimos, uma vez que, trazidas do inglês, combinam-se com formas vernáculas sem qualquer respaldo na língua doadora. Nesses casos, temos um empréstimo morfológico: as partículas vieram para cá e o *splinter* e-, originalmente pronunciado [i], como em inglês, já vindo passando um processo de nativização, sendo enunciado como [e] (Gonçalves; Mendonça Jr., no prelo), até mesmo em ‘e-mail’. O caso de *i-* é um pouco diferente, pois ainda continua sendo pronunciado como ditongo: [aj].

Além dessas letras, que acabamos por aproveitar do inglês, são muitos os casos de letras morfológicas com usos os mais variados, muitos oriundos de processos analógicos diversos, como é o caso de <x>, que serve para formar nomes de sanduíches (‘x-tudo’, ‘x-salada’), e de <z>, de ‘zilionario’, por exemplo, certamente cunhado por espelhamento de ‘milionário’ e ‘bilionário’. Muitos nomes comerciais exploram as letras que representam vitaminas (A, B, C, D, E) para nomear remédios, como ‘B-complex’ e ‘B-essencial’. Também é no âmbito da Onomástica, grande área que estuda os nomes próprios, que encontramos a única letra que aparece na posição final: o s possessivo do inglês, amplamente empregado para denominar comércios os mais variados, como ‘Magno’scar’ e ‘Sorveteria Duda’s’. Por fim, um último caso interessante é o da letra <g> que, combinada com um número, é usada em referência a grupos, a exemplo de ‘G-4’, os quatro primeiros times do campeonato brasileiro de futebol.

Enfim, procuramos neste texto, de caráter seminal e de natureza mais descritiva que propriamente teórica, descrever e analisar o amplo emprego de letras na criação lexical. Pretendemos explicar a origem de cada uma e, com base nos dados, coletados a partir de fontes as mais variadas, defender que as letras morfológicas advêm de três diferentes fontes: (a) empréstimos do inglês, (b) abreviação e (c) analogia.

Nossos dados provêm da internet, sobretudo das redes sociais, como o Instagram, o Facebook e o X (antigo Twitter), mas também são oriundos de busca pela ferramenta Google, a qual nos leva a postagens de natureza variada: *blogs*, *sites* informativos, páginas de entretenimento etc. Como a maioria das letras morfológicas utiliza o hífen e aparece no início da palavra, a procura foi bastante facilitada, pois, por exemplo, ao procurarmos no Google algo como “e-a”, selecionando os filtros “apenas postagem em português” e “local: Brasil”, aparecem incontáveis formas combinadas com essa letra. No caso das formas sem hífen, a busca foi mais seletiva: partimos de formas já ouvidas/lidas e abonamos sua existência em páginas da internet. Dicionários eletrônicos, como o Dicio e o Priberam, foram fundamentais na confecção do *corpus*, uma vez que,

além de extremamente atualizados, possibilitam a busca tanto pelas iniciais quanto pelas terminações, fornecendo sempre exemplos mais informais que abonam novas palavras.

O texto é dividido como se segue: em primeiro lugar, tecemos algumas palavras sobre o estatuto morfológico de tais partículas. Logo após, em cada seção, abordamos os três tipos de letras aqui analisadas: (a) letras emprestadas, (b) letras analógicas e (c) letras iniciais. Por fim, chegamos às principais considerações feitas ao longo do trabalho, mostrando quais são os resultados da pesquisa.

| O estatuto morfológico das unidades analisadas

Segundo Haspelmath (2002, p. 16, tradução própria⁵), “morfemas podem ser definidos como os menores constituintes de uma expressão linguística”. Essa ideia é corroborada por Fromkin, Rodman e Hyams (2003, p. 81-82, tradução própria⁶), para quem “o morfema é uma forma fonológica arbitrariamente unida a um determinado significado e que não pode ser analisada em elementos menores”. Outra característica importante na definição de morfema é fornecida já por Bloomfield (1933): a recorrência – uma unidade de expressão é morfológica se aparece sistematicamente contribuindo com o mesmo significado.

Excetuando a questão da arbitrariedade, apontada na definição de Fromkin, Rodman e Hyams (2003), todas as letras aqui estudadas podem ser consideradas unidades morfológicas, uma vez que são formas presas (não funcionam em isolamento) e aparecem em várias palavras (são recorrentes) com o mesmo significado (as formações são semanticamente afins) e na mesma posição (têm rigidez posicional). Além disso, estão disponíveis no atual estágio da língua (são produtivas) e não dependem de conhecimentos históricos em sua interpretação, pois, ao contrário de *ceber-*, de ‘conceber’, ‘receber’ e ‘perceber’, por exemplo, que não carregam nenhum significado identificável para o falante médio da língua (os que não têm conhecimento de latim), todas as formas em (1), a seguir, são facilmente interpretáveis, pois são associadas à ideia de hambúrgueres (1a) ou remetem ao significado de intensificação (1b):

5 No original: “morphemes can be defined as the smallest constituents of a linguistic expression.”

6 No original: “a morpheme is a phonological form arbitrarily attached to a specific meaning and cannot be analyzed into smaller elements”.

- (1) a. X-salada, X-bacon, X-tudo
b. zilhão; zilionário; zêbado

Se seguirmos Katamba (1993, p. 24, tradução própria⁷), para quem “a menor diferença na forma de uma palavra que se correlaciona com a menor diferença no significado da palavra” constitui unidade morfológica, sem dúvida alguma devemos reivindicar estatuto morfológico para os elementos recorrentes nas formações em (2), a seguir. Como se vê, essas unidades não funcionam em isolamento (constituem formas presas) e aparecem num lugar pré-determinado na estrutura da palavra (sistematicamente na margem esquerda). Desse modo, as letras e- e i- iniciais são formas recorrentes mínimas que remetem a algo referente ao ambiente virtual, funcionando de modo parecido com um prefixo ou primeiro elemento de um composto:

- (2) e-tíquete e-convite e-professor
i-comunidade i-robô i-educar

Uma vez comprovado o estatuto do que chamamos de “letras morfológicas”, analisemos caso a caso, começando com as que são oriundas do inglês e podem ser consideradas *splinters* não nativos: e-, i- e -‘s.

Letras emprestadas

Em morfologia, um *splinter* é definido como um fragmento de palavra que, metaforicamente, pode ser considerado reciclável, pois funciona como unidade mínima de significado que pode ser reutilizada para formar inúmeras outras unidades lexicais (Gonçalves, 2011). Esses “pedaços de palavras” provêm, fundamentalmente, de duas fontes: o *blending* (cruzamento vocabular) e o *clipping* (encurtamento), a exemplo, respectivamente, de ‘bacalhonese’ (-nese) e ‘caipivodka’ (*caipi-*)⁸. No entanto, de acordo com a *Concise Encyclopedia of Semantics*, organizada por Brown e Allan (2009, p. 44, tradução própria⁹),

7 No original, “the smallest difference in the form of a word that correlates with the smallest difference in the meaning of the word”.

8 Em Gonçalves (2013), há uma descrição detalhada da origem dos *splinters*. Nos exemplos em questão, *nese* provém de cruzamentos (‘macarronese’, ‘ovonese’ etc.). *Caipi-*, por sua vez, corresponde ao encurtamento de ‘caipirinha’, combinando-se com várias outras formas. Não é um truncamento, pois truncamentos são encurtamentos submorfêmicos que substituem sozinhos, no discurso, toda a palavra-base: biju < bijuteria; Maraca (< Maracanã); cerva (< cerveja). Gonçalves (2011) mostra que nem todos os *splinters* advêm de truncamentos, mas de encurtamentos sem autonomia discursiva.

9 No original: “a splinter is formally identical to a truncation, but while truncations function as complete words, splinters do not”.

“um splinter é formalmente idêntico a um truncamento, mas, enquanto truncamentos funcionam como palavras completas, splinters não”. Nesse sentido, acreditamos que o termo encurtamento talvez seja mais adequado para caracterizar *splinters* oriundos de reduções que não funcionam como palavras. Bauer, Lieber e Plag (2013, p. 19, tradução própria¹⁰) referem-se a esses constituintes como “uma porção de uma palavra que, para começar, não é morfêmica, mas que foi separada e usada recorrentemente em novas bases”. Isso inclui partes de tamanho variado e López-Rúa (2002, p. 37, grifo próprio) realiza um estudo exaustivo sobre *splinters*, proporcionando-nos uma das definições mais detalhadas até hoje¹¹:

Splinters são aquelas sequências gráficas e fonêmicas (não apenas em blends, mas também em inicialismos periféricos) que não são nem morfemas flexionais nem derivacionais, nem formas combinatórias (eletro-, -scope), e cujo comprimento geralmente permite sua identificação como pertencente a uma palavra anterior. Consequentemente, *splinters* tendem a ser sílabas ou unidades maiores que as sílabas em suas fontes, como ox- e bridge em Oxbridge (‘OXford e CamBRIDGE), ou *digi* e *alt* em Digiralt (‘DIGital radar Altímetro’). Quando são mais curtas que as sílabas, **seus constituintes são o início da sílaba (ou seja, a consoante ou consoantes pré-vocálicas).**

Como destaca López-Rúa (2002), inicialismos podem ser considerados *splinters*. Alguns autores, ao observarem que nem todos os afixos são antigos, chegam até a considerar e- e i- como afixos¹²: “existem vários afixos relativamente novos que são de uso bastante comum. Talvez o mais comum agora seja e (para “eletrônico”), encontrado em e-mail, e-mail, e-trade, e-commerce, e-book e assim por diante. Outros novos são i-, thon, gate,lympics, mageddon”.

Não querendo entrar na polêmica questão das fronteiras entre derivação e composição, o que foge ao objetivo do trabalho, temos argumentos suficientes

10 No original: “a portion of a word that, to begin with, is not morphemic, but which has been separated and used repeatedly in new contexts”.

11 No original, de “splinters are those graphic and phonemic sequences (not only in blends but also in peripheral initialisms) which are neither inflectional nor derivational morphemes, nor combining forms (electro-, -scope), and whose length generally allows their identification as belonging to a previous word. Consequently, splinters tend to be syllables or units larger than syllables in their sources, as ox- and -bridge in Oxbridge (‘OXford and CamBRIDGE), or Digi- and -alt in Digiralt (‘DIGital radar ALTimeter’). When they are shorter than syllables, their constituents are the syllable onset (i.e. the prevocalic consonant or consonants).

12 Tradução livre de “There are several relatively new affixes that are in fairly common use. Perhaps the most common now is e- (for “electronic”), found in e-mail, e-trade, e-commerce, e-book, and so on. Other newer ones are i-, -thon, -gate, -lympics, -mageddon”.

para considerar **e-** e **i-** como autênticas unidades morfológicas em uso no português do Brasil. Começamos com e-.

| Do e-mail ao e-MEC

Mattiello (2016, p. 114) observa que e-, abreviação de (e)letrônico, constitui partícula produtiva no inglês contemporâneo e data algumas formações:

e-education [1999] ‘education on the web’ (NEWJT), e-reader [1995] ‘a person who reads electronic text’ (OED3), e-shopping [1998] ‘shopping on the web’ (NEWJT), e-text [1990] ‘electronic text’ (OED3), e-voting [2008] ‘online voting’ (RUND), and so on.

Admite, portanto, que, no caso das formações e-X¹³, palavras bem estabelecidas, como ‘e-mail’ [1979] e ‘e-book’ [1988], constituem o modelo. Segundo a enciclopédia virtual Wikipédia, o termo ‘e-mail’ tem sido utilizado na Informática desde os anos 1960 para indicar a transmissão de mensagens por meio de qualquer dispositivo eletrônico – tendo permutado, muitas vezes, o extinto *fax*. De acordo com Mattiello (2016), o *Oxford English Dictionary* indica a data de 1979 para esse termo no seu sentido moderno, ou seja, a troca de correspondências via internet.

A existência de produção em série confere *status* estável ao elemento e-, como atestam Antunes, Correia e Gonçalves (2001), primeira descrição do que chamam de “e-termos”, com foco no português europeu. Silva Cruz (2008, p. 186) destaca que, por “não existir uma política de língua que fomente o uso corrente de equivalentes no português”, o termo originalmente estrangeiro acabou expandindo-se com mais facilidade, quando cotejado com seu correspondente ‘correio eletrônico’.

Gonçalves e Pires (2016), quinze anos após o pioneiro estudo do “e-termos”, concentra sua análise no português do Brasil e mostram que muitas formações foram cunhadas em português, como ‘e-CAC’ e ‘e-CPF’. Essas construções, criadas a partir de siglas (Central de Atendimento ao Contribuinte e Cadastro de Pessoas Físicas, respectivamente) obviamente não têm qualquer correlato em inglês. Na época, observaram, também, que algumas eram, de fato, verdadeiros decalques (‘e-comércio’, ‘e-professor’)¹⁴. Finaliza o artigo observando que

13 Há certa oscilação na grafia (com o sem hífen). No entanto, como a maioria (cerca de 85%) aparece com esse sinal gráfico, optamos pela uniformização, sempre nos referindo a essas formações como e-X.

14 De acordo com Houaiss *et alii* (2009), calco ou decalque é a “denominação, numa língua, de um objeto ou conceito pela tradução de uma palavra ou expressão de outra língua”, a exemplo de ‘cachorro-quente’, tradução literal de ‘hot-dog’ (cf. CALCO).

adquirimos do inglês o padrão e-X, em que a vogal inicial remete a “algo relacionado à rede mundial de computadores”. Dito de outra maneira, não importamos palavras isoladas, mas um esquema produtivo para a criação de novas palavras na língua.

Numa perspectiva construcional, Pires (2018) interpreta as formações e-X como semiabertas, sendo o primeiro elemento um *splinter*. O esquema relevante é formalizado da seguinte maneira: $\langle [e [X]_{s_i}]_{s_j} \Leftrightarrow [SEM_i \text{ por meio ou relacionado a ambiente virtual}]_{s_j} \rangle$. Nesse esquema, elaborado de acordo com o modelo de Booij (2010), um substantivo (S), quando se adjunge ao formativo e-, forma nova palavra também substantiva com o significado (SEM) de “por meio eletrônico”. Os novos exemplos a seguir atestam a produtividade do esquema

- (3)
- | | | |
|-------------|------------|-------------|
| e-notariado | e-certidão | e-título |
| e-cpf | e-recursos | e-registros |
| e-auditoria | e-social | e-senado |

Num amplo estudo sobre as fronteiras entre derivação e composição, Andrade (2013) destaca os seguintes aspectos que aproximam o *splinter* não nativo e- (ou letra morfológica, como propomos aqui) do polo derivacional:

- a. atua como forma presa,
- b. vem antes das bases a que se adjunge sem alterar a classe gramatical do produto,
- c. é elemento não cabeça, subordinado ao núcleo à direita, numa estrutura do tipo DT-DM (Determinante-Determinado).

Por outro lado, mostram Gonçalves e Andrade (2016), o formativo em questão “expressa um conteúdo menos conteúdo gramatical e é caracterizado por um menor grau de previsibilidade semântica, uma vez que pode focar diferentes aspectos da informação transmitida eletronicamente”. Tais diferenças e semelhanças, segundo os autores, justificam a presença desses formativos em um *continuum* afixo-radical.

Nos dias de hoje, muitos “e-termos” nomeiam plataformas oferecidas pelo poder público (governos federal, estadual e municipais) a fim de informatizar os serviços oferecidos à população. O ‘e-dinheiro’, por exemplo, é a plataforma das moedas sociais e comunitárias do Brasil, que inclui aplicativo e internet *banking*, fornecendo serviços financeiros, na sua maioria gratuitos, para a população. O ‘e-social’, por sua vez, é um sistema de escrituração digital das

obrigações fiscais, previdenciárias e trabalhistas. Sua principal função é a de facilitar a fiscalização do cumprimento de obrigações trabalhistas, assegurando que informações sobre FGTS, férias e previdência estejam corretas e acessíveis sendo usado.

Outro serviço recentemente disponibilizado pelo Governo Federal é o ‘e-notariado’, plataforma digital oficial dos cartórios de notas do Brasil, que permite realizar serviços notariais de forma 100% online com a mesma validade jurídica do atendimento presencial. Por fim, ‘e-fisco’ é o sistema eletrônico de administração tributária e financeira da Secretaria da Fazenda e centraliza serviços digitais para empresas, contadores e cidadãos, facilitando o cumprimento das obrigações fiscais. Como se vê, os “e-termos” estão em franco uso no Brasil e as formações vêm passando por uma mudança sonora, na qual não mais se observa a pronúncia [i], que conferiria às construções uma feição mais inglesa. Atualmente, a letra morfológica e- está mais próxima de um inicialismo (Gonçalves; Mendonça Jr., no prelo), já que vem sendo realizada como [e] e até mesmo como [ɛ], pronúncias possíveis, no Brasil, para a letra <e>.

Passemos, na sequência à descrição e análise das formas criadas com o *splinter* não nativo *i-*

| Um <i> com som de [aj]

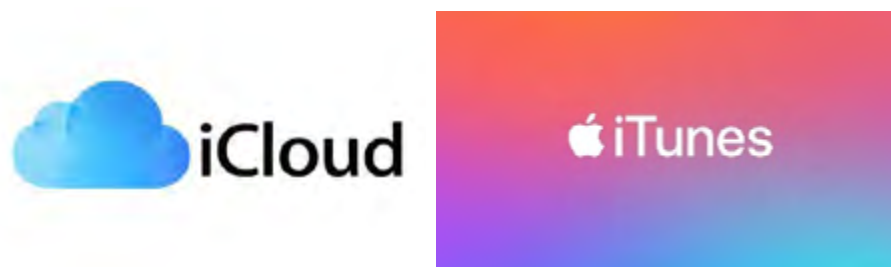
De acordo com Pires (2018, p. 134), o formativo *i-* origina-se de uma estratégia empregada pela multinacional norte-americana *Apple Inc.*, fundada em 1976 por Steve Wozniak, Steve Jobs e Ronald Wayne. De início, a empresa tinha como foco a comercialização de computadores pessoais e daí inferimos a intencionalidade no uso da letra <i>, pronunciada, em inglês, da mesma maneira que o pronome pessoal de primeira pessoa do singular, ‘I’: o ditongo decrescente [aj].

O nome da empresa, Apple, relacionado à maçã, foi inspirado em uma visita realizada por Steve Jobs a uma fazenda de maçãs. Nela, o empresário achou o termo divertido e convidativo, além de evocar a ideia de a fruta ser inspiração para ideias inovadoras, como a lei da gravitação universal de Newton: a maçã caída da árvore simboliza o poder da observação e da curiosidade científica. A associação da maçã com conhecimento é reforçada pela mordida, que remete ao suicídio do matemático Alan Turing, considerado o pai do computador, que comeu a fruta por ele mesmo envenenada com cianeto. Em inglês, há clara uma associação entre ‘bite’ (“mordida”) e ‘byte’ (“unidade de informação digital”).

Com a expansão para outros mercados tecnológicos, a companhia removeu o “Computers” de seu nome em 2007, consolidando-se como importante marca no setor eletrônico. Essa transformação abriu caminho para o lançamento do primeiro produto eletrônico que utiliza o a letra <i> na margem esquerda: o famoso iPhone¹⁵, criado em 2007. Para Gonçalves e Andrade (2012, 2016), essa formação acabou servindo de “palavra-gatilho” para a posterior nomeação, por analogia, do iPad (2010), dispositivo pessoal semelhante a um *tablet*. A escolha desse elemento morfológico está intrinsecamente ligada ao sucesso global da marca Apple e à necessidade de se destacar em um mercado competitivo

Conforme Andrade (2013), o *i-* tornou-se uma marca distintiva que, além de criar uma forte alusão à empresa, também associa seus produtos a características como inovação e, principalmente, exclusividade. Dessa forma, como vemos nos exemplos abaixo, em vez de a marca prestar ‘um serviço de nuvem’, há a criação do aplicativo ‘iCloud’ para marcar a relação desse serviço especificamente da marca Apple, não de qualquer outra concorrente. O mesmo ocorre com ‘iTunes’, um programa de música e de vídeo digitais também da marca, como se observa nos logos a seguir:

Figura 1. iCloud e iTunes



Fonte: Google Imagens. Logotipo das empresas

No contexto das formações lexicais em língua portuguesa, a primeira referência ao uso de *i-* como unidade morfológica aparece em Gonçalves e Almeida (2012), para quem a empresa brasileira iFood, criada em 2011, apesar de apresentar um estrangeirismo na segunda posição, foi a primeira a empregar o *i-* sem referência à empresa Apple. De acordo com a Wikipedia, iFood é “uma empresa brasileira atuante no ramo de entrega de refeição por meio da internet, sendo líder no setor na América Latina, com presença apenas no Brasil” (<https://pt.wikipedia.org/wiki/iFood>). Prova de que essa formação é genuinamente brasileira é o fato de o setor de entregas nos EUA não apresentar essa empresa.

¹⁵ Ao contrário de e-, quase sempre empregada com hífen, i- é, na maioria esmagadora dos casos, escrita sem esse sinal gráfico, razão pela qual uniformizaremos a grafia aglutinada.

Figura 2. Ifood



Fonte: Google Imagens. Logotipo da empresa

Em seu texto de 2013, Andrade já observa que o formativo *i-* adquire nuances semânticas particulares, sempre como as ideias de “pessoal” ou “meu”, refletindo, em parte, o caráter individualizado da empresa Apple, como se observa nas seguintes postagens antigas da rede social X (antigo Twitter):

Figura 3. Itriste



Fonte: Andrade (2013, p. 98)

Adicionalmente, o levantamento de novas formações com *i-* demonstra sua adaptação a diferentes cenários tecnológicos e culturais, abrangendo termos relacionados à conectividade, ao ambiente virtual e a serviços digitais, destacando o impacto da globalização e da popularização da internet na disseminação desse elemento formativo. No atual estágio da língua, *e-* e *i-* são usados indistintamente em referência a algo relacionado ao meio eletrônico, como o ‘icarros’, *site* dedicado à venda de veículos pela internet.

A marca iRobot é um exemplo da aplicação do formativo *i-* para evocar inovação a personalização no contexto tecnológico. A empresa é pioneira na criação de robôs domésticos, como o famoso aspirador Roomba. O uso do *i-* aglutinado ao anglicismo *Robot* sugere uma conexão direta com o indivíduo, transmitindo a

ideia de que a tecnologia está ao alcance do usuário para facilitar suas tarefas diárias, já que é possível acessar ‘robô’ a partir do nome inglês *robot*:

Figura 4. IRobot



Fonte: Google Images. *Slogan* da empresa

O *splinter* não nativo *i-* consolidou-se como um elemento morfológico associado a ideias de inovação, personalização e conectividade. No português, o *i-* adapta-se a diversas formações, carregando nuances semânticas ligadas ao caráter pessoal. Pires (2018, p. 136) apresenta outras perspectivas de uso desse constituinte no português, mais especificamente na variedade brasileira. O autor descreve usos ligados aos avanços tecnológicos e eletrônicos, bem como acesso constante ao ambiente virtual, à internet. No quadro abaixo, é possível identificar algumas das diferentes formações coletadas por Pires (2018, p. 179).

Quadro 1. Outras formações *i-X*

i-amigo	i-conecta	i-varejo	i-política
i-namoro	i-lipo	i-poeta	i-futebol
i-teologia	i-tecnologia	i-esporte	i-seguro

Fonte: Elaboração própria com base dos dados de Pires (2018)

O levantamento de novas formações com *i-* demonstra sua adaptação a diferentes cenários tecnológicos e culturais. Abrange termos relacionados a serviços digitais, destacando o impacto da globalização e da popularização da internet na disseminação de informações. Ao contrário de *e-*, em fase quase final de nativização, o *i-* ainda hoje não está completamente nativizado, tendo em vista sua realização como ditongo, [aj], tal como em inglês.

É no âmbito da onímitia, ramo da Onomástica dedicado ao estudo dos nomes comerciais, que encontramos um grande volume de construções lexicais *i-X*. Nessas formações, o *slot X* pode ser um preenchido por diversos tipos morfológicos. Ainda são muito comuns os estrangeirismos, usados para dar

ares de maior relevância à empresa (iHealthy, um Centro de Emagrecimento), ao produto (iRobot, um aspirador de pó automatizado) ou ao serviço (i-engine, *site* de processamento de dados da ANP). Nesse aspecto, o *i-* parece começar a concorrer com *e-*, pois também é usado em referência a órgãos governamentais como a ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis). O ‘i-engine’ é, como descrito no *site* oficial dessa agência reguladora, uma ferramenta “que promove a integração dos sistemas dos operadores com os sistemas da ANP por meio da transferência de dados via WebService” (<https://www.gov.br/anp/pt-br/servicos/sistemas-anp>). Passemos, a seguir, à descrição da única letra morfológica que aparece na borda direita da palavra: o *-’s*.

| Da posse, em inglês, ao nome de lojas e produtos: o caso do *’s*

Em inglês, o caso possessivo é utilizado com substantivos referentes a pessoas, grupos de pessoas, países e animais, indicando relação de posse entre dois elementos. Para manifestar a ideia de posse, adiciona-se, na língua escrita, um apóstrofo seguido de um <s> ao primeiro substantivo, como nos seguintes exemplos:

- (4) John’s car (o carro de John)
- The girls’ room (o quarto das meninas)
- Men’s clothes (roupas dos homens)
- The sailors’ boat (o bote dos pescadores)

Caso o primeiro substantivo esteja no plural ou termine em <s>, a pronúncia não se altera (continua [s]) e, por isso, na escrita, pode-se usar ou *’s* ou basta apenas adicionar um apóstrofo após o <s>:

- (5) Thomas’s book (or Thomas’ book)
- James’s shop (or James’ shop)
- The Smiths’s house (or the Smiths’ house)

Vários significados podem emergir através do *’s* possessivo: (a) pertencimento ou propriedade, (b) local em que se exerce alguma atividade e (c) relação entre indivíduos, entre outras. Perini-Santos e Mello (2011) demonstram a alta produtividade da marcação inglesa de posse, por eles referenciada como [SN [‘s]], em muitos estabelecimentos comerciais brasileiros. Além disso, propõem que a implementação dessa construção se deu por um processo de lexicalização, ocorrendo através do empréstimo da marcação inglesa. Dessa maneira, é na

Onomástica, sobretudo na Onionímia, que esse construção ganha destaque em português, pois, de acordo com Perini-Santos e Mello (2011, p. 24),

Se feito um comando para pesquisa no Google como a forma: [SN[‘s bar]], especificamente para o Brasil e em língua portuguesa, localizam-se 860.000 ocorrências. Se se comandada a pesquisa para [SN[‘s restaurante]], o procurador seleciona 2.530.000 casos. No buscador Google, aparecem entradas para formas como: Exitu’s Moda, Airton’s Moda, Fran’s Moda Íntima; Afro-charm’s Salão de beleza; Beleza’s Salão, VIP’s Motel, VIP’sSuites, Cat’s Motel, Keop’s Motel, Hipu’s Motel, Deliriu’s Motel, Antonio’s Palace Hotel, Lago’s Hotel, Linnu’s Sapataria, Sergio’s Calçados, Markinho’s Pneus, Elvira’sBistrot, Maria’sBistrot, Exitus’sAcessoria Empresarial e Empada’s.

Constatam os autores que é no ramo da culinária que o emprego desse marcador se mostra mais premente. Dando continuidade ao estudo de Perini-Santos e Mello (2011), Costa (2023) compara nomes de estabelecimentos comerciais na Baixada Fluminense (região metropolitana do RJ) em termos de uso da forma inglesa com usos mais vernaculares, tais como ‘barbearia do Galo’, ‘ótica Claudio’ e ‘Milla Pijamas’. Com base em 180 dados, demonstra que o recurso ao ‘s possessivo é um pouco menor que o emprego de outras estratégias, numa distribuição do tipo 45% com ‘s e 55% sem esse elemento. Os resultados revelam ser muito comum nomear algum tipo de serviço, produto ou estabelecimento através do uso do ‘s, o que demonstra clara intenção de valorizar o comércio, pois parece ainda soar verdadeira a máxima “o que vem de fora é melhor”.

Observamos, em nossos dados, que o uso do ‘s possessivo do inglês na nomeação de nomes comerciais nem sempre segue os padrões da língua inglesa, pois são observadas três situações:

- i. o termo possuidor ora aparece em primeira posição, como em Magno’s car, Sinuca’s bar, João’s cabeleireiro;
- ii. o termo possuidor aparece em segunda posição, como em Studio Luna’s e Sorveteria Vitoria’s;
- iii. não se explicita a que se destina o negócio, a exemplo de Duda’s, Kuka’s, Gago’s.

Para finalizar, recorreremos a Costa (2023, p. 89), que fez um levantamento minucioso quanto ao tipo de comércio em que predomina essa letra morfológica:

“lanchonetes e/ou restaurante, lojas de venda de carros, bares, lojas de roupas e/ou calçados e lojas de artesanatos e artigos personalizados foram estabelecidos os quais apresentaram, respectivamente, maior recorrência de dados com a partícula [‘s]”. Passemos, então, ao segundo caso de letras que apresentam informação morfológica: a analogia.

| Letras analógicas

Na Linguística Cognitiva (Langacker, 1987), a analogia é interpretada como um dos princípios mais básicos da linguagem humana, pois “permite fazer um paralelismo entre elementos de significados distintos com o objetivo de verificar e fazer surgir um novo elemento no mundo, categorizado de forma mais adequada” (Furtado, 2011, p. 54). A analogia é uma habilidade de primeira ordem, sendo considerada por Fauconnier e Turner (2002) como uma das relações vitais, ou seja, uma das habilidades essenciais para o raciocínio humano, “aquele mais fundamental, governado por algo que chamamos metaforicamente de ‘a mão invisível’” (Fauconnier; Turner, 2002, p. 65)¹⁶.

A analogia pode ser interpretada através dos três pilares das operações cognitivas do pensamento – os três “i”s da mente humana: Identidade, Imaginação e Integração. Em inglês, o nome da letras “i” ([aj]) e a palavra “eye” (olho) têm a mesma realização fonética, sendo essas formas, por isso mesmo, homófonas. Fauconnier e Turner (2002) se aproveitam dessa semelhança para estabelecer a metáfora dos três olhos da mente, como na imagem a seguir.

Figura 5. Os três “olhos” da mente



Fonte: Elaboração própria criada por computação gráfica.

¹⁶ No original, “hat most fundamental one, governed by something we metaphorically call ‘the invisible hand’”.

O primeiro “olho” da mente é a Identidade, capacidade básica de estabelecer conexões, semelhanças e mapeamentos entre diferentes conceitos. A imaginação funciona como motor criativo que permite a elaboração e o desenvolvimento de novas estruturas mentais. Por fim, a Integração é o processo central através do qual a mente combina seletivamente informações de diferentes fontes, favorecendo a emergência de uma estrutura nova, com propriedades e lógica próprias que transcendem os conceitos de origem.

Esses princípios possibilitam criar novas unidades morfológicas, envolvendo o que pode ser chamado de “formações em espelho”. Sem dúvida alguma, estão por trás de dois padrões atuais envolvendo letras: as formações z-X e as construções X-Xs. Começemos com o caso de z- utilizado com fins lexicais.

| O alfabeto em perspectiva

No português contemporâneo, a letra <z> expressa intensificação e pode ser facilmente reconhecida em dados mais antigos, como ‘zilionário’ (< ‘milionário’), ‘zilhão’ (< ‘milhão’). Nas construções, o falante perspectiviza o alfabeto como uma escala de gradação. Como o <z> é a última letra, acaba sendo usado para representar o ápice em uma escala monetária:

milhão	>>	bilhão	>>	trilhão	>>	zilhão
milionário	>>	bilionário	>>	trilionário	>>	zilionário

Os dados acima correspondem ao que Gonçalves (2016) chamam de substituição sublexical, mecanismo pelo qual o falante, nesse caso, substitui a primeira letra da palavra-fonte pela última do alfabeto, “indicando que o conceito expresso pela matriz lexical foi intensificado ao extremo”. O caso de ‘zêbado’ é bastante emblemático porque surge de processo analógico semelhante ao que criou ‘zilhão’ e ‘zilionário’. Observa-se, na imagem a seguir, que o é reinterpretado como bi-, prefixo que indica “duas vezes”, e o <tr> substituído, por analogia, pelo prefixo tri-, culminando na troca pela última letra do alfabeto, o que permite nomear um estágio máximo de embriaguez:

Figura 6. Bêbado, trêbado e zêbado



Fonte: Elaboração própria criada por computação gráfica

A ação da analogia é tão grande que essa letra acaba por ser utilizada em diferentes estados de alguma característica considerada extremamente exagerada. Foi o que aconteceu com 'bicha', termo extremamente chulo e impróprio para caracterizar o homossexualidade de alguém. A presença do na primeira posição acabou culminando na substituição por *tri-* e *z-*, este último rotulando alguém julgado excessivamente efeminado por seus trejeitos:

Figura 7. Bicha, tricha e zicha



Fonte: Elaboração própria criada por computação gráfica

A ideia de grau máximo representado por <z> foi utilizada pelo humorista Chico Anísio, que reanalisou a palavra 'especial' em 'espécie ar (a)', em oposição à 'espécie z'. O famoso personagem Professor Raimundo empregava a primeira expressão para se referir a um aluno fora do comum, em oposição aos demais, quase todos muito ignorantes, aos quais chamava de 'espéci-zê'.

Acreditamos que o uso de *z-* para expressar grau máximo de intensificação pode justificar etimologias consideradas obscuras, como 'zarolha' e 'zaralho'. Embora

seja extremamente difícil comprovar sua origem, essas palavras vinculam-se a outras foneticamente semelhantes e, sem dúvida alguma, remetem à semântica de excesso:

Figura 8. Zarolho e zaralho



Fonte: Elaboração própria criada por computação gráfica

Por fim, z- pode se combinar com números, a exemplo de ‘z-4’. Como última letra do alfabeto, z- evoca, no futebol brasileiro, o grupo dos quatro últimos times na tabela de classificação do campeonato por pontos corridos, como a Série A do Brasileirão. As equipes que terminam a temporada nas quatro últimas posições são rebaixadas para a divisão inferior (Série B): constituem o z-4.

| Uma letra saborosa

Com relação a x-, sua fonte é palavra “hambúrguer”, que tem origem no termo alemão *Hamburger* e significa “da cidade de Hamburgo” (referindo-se ao “Hamburgo *steak*”, o “bife de Hamburgo”). Em inglês, a palavra *hamburger* foi inicialmente tratada como uma unidade lexical atômica, um substantivo comum que nomeava um tipo específico de sanduíche. O processo de neoanálise (Traugott; Trousdale, 2013) pelos falantes fez com que percebessem a palavra de forma diferente. Houve reconhecimento de que *ham* (presunto em inglês) pudesse ser parte significativa, ainda que o sanduíche original fosse de carne bovina. Mais importante ainda, a parte final da palavra, *-burger*, passou a ser interpretada como *splinter* e essa reanálise permitiu a formação de outras palavras com o novo formativo. Agora, a posição inicial pode ser preenchida por nomes de vários ingredientes, como em *cheeseburger* (*cheese* + *burger*), *chickenburger* (*chicken* + *burger*) e *veggie-burger* (*veggie* + *burger*), entre tantos outros. Uma importante descrição dessa decomposição lexical aparece no seguinte excerto:

[...] houve um reconhecimento de ham, possibilitado pelo reconhecimento de burger como uma parte, talvez a partir de modelos de redução de compostos comuns no inglês, tais como milk-shake/shake [...] talvez pelo reconhecimento de uma estrutura geral de compostos no inglês, do tipo especificador-especificado [...]. A palavra hamburger corresponde a algo como ‘sanduíche de bife de carne moída’. A estrutura estabelece a função de especificador para a primeira parte, e de especificado (sanduíche) para a segunda. [...] Dada essa reanálise, burger passa a ser o radical base para formações posteriores do tipo fishburger [...] (Basílio, 1997, p. 14).

Em português, a palavra-fonte é *chesseburger*, já neoanalisada em inglês. Aqui, a parte inicial da palavra evoca uma das principais pronúncias da letra <x>, a de fricativa álveo-palatal surda, [ʃ]. Desse modo, houve uma analogia de natureza fonológica (Bybee, 2010) que culminou na transformação da sequência *chesse*, originalmente queijo em inglês, em ‘xis’, levando à nomeação tanto de sanduíches (‘x-tudo’, ‘x-salada’, ‘x-bacon’) quanto de estabelecimentos comerciais (‘x-Cris’, ‘x-da praça’). Dessa maneira, X referencia o próprio hambúrguer e, se a carne for frango, tem-se ‘X-frango’; se for de picanha, ‘X-picanha’ e assim por diante: ‘X-alcatra’, ‘X-filé’, ‘X-lombinho’ etc.

De acordo com Gonçalves (2019), a letra <x> passa a designar o próprio sanduíche, adquirindo, com isso, “estatuto de radical na formação de novos compostos”. Por isso mesmo, continua o autor, “nem de longe lembra o opaco *cheese* do inglês, já que aparece, inclusive, em X-queijo” (Gonçalves, 2019, p. 122).

Estudo pioneiro sobre essa letra morfológica é o de Perini-Santos e Melo (2011). Com base num robusto *corpus* de construções X-N, os autores mostram que o nome à direita especifica o conteúdo mais saliente do sanduíche. Em (6), observam-se alguns dos quarenta usos mais descritivos listados pelos autores, nos quais “as seguintes variantes de x–associado a um complemento [x–] +” (Perini-Santos; Melo, 2011, p. 22):

- (6) abacaxi, polenta, frango, picanha, coração, ovo, carne, lombo, salada, batata, batatinha, bife, banana, peixe, presunto, peru, peru simples, peru-bacon, peru especial, galinha, calabresa, filet, filet mignon, filet-tudo.

Perini-Santos e Melo (2011, p. 23) também fazem alusão ao que denominam de usos mais “metafóricos, metonímicos ou jocosos”. Nesses casos, portanto, o elemento à direita não possibilita rastrear os principais ingredientes do

sanduíche, pois não são denotativos. Está em jogo, nos 35 casos que rastreamos, um tipo de associação com algum atributo do hambúrguer, como tamanho, formato, aparência ou algum outro aspecto, em princípio opaco, do sanduíche:

- (7) saturno, vênus, júpiter, plutão, monstro, monstrinho, princesa, belém, faroeste, montanha, marruco, garrote, bezerro, manda-chuva, pica-pau, mickey, pluto, scania, mercedes, ford, fiat, ignorância, toscó, rato, cão

Resta-nos abordar outros casos em que uma letra pode ser considerada morfológica.

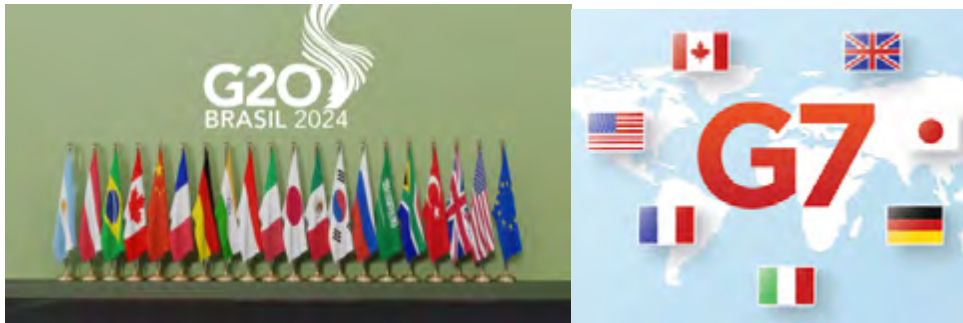
| Outras letras morfológicas

Uma das letras mais usadas na formação de novas palavras é o <g>. Em um grande número de dados, *g*- funciona como elemento morfológico relevante no contexto da modernidade tecnológica e da globalização. Seu uso mais antigo está relacionado à gigante comercial Google, em produtos e serviços que se destacam pela conectividade e inovação, como ‘Gmail’, ‘Gdrive’ ou ‘Gsuite’¹⁷, que reforçam a identidade da marca.

Em um cenário mais amplo, *g*- ultrapassa a referência aos produtos da marca Google e adquire o significado de “grupo”, usado, em esfera internacional, como abreviação (inicialismo) da palavra inglesa *group*. As formações a seguir exemplificam que o inicialismo *g*- não se limita apenas a nomes comerciais ou tecnológicos, mas também se expande para designações institucionais e políticas, como grupos econômicos e fóruns internacionais de debate. Nesses casos, o formativo sempre se associa a números, criando uma construção alfanumérica, em que o número especifica o quantitativo do grupo:

¹⁷ Nesta seção, todos os dados aparecem grafados em maiúsculas, uma vez que assim foram gradados. A presença do hífen é opcional, razão pela qual não o empregaremos.

Figura 8. G20 e G7



Fonte: Google Imagens. Logotipo dos grupos

No caso de 'G20', o *g*- origina-se da palavra inglesa *Group*, zipando o significado de "grupo". Assim, a construção 'G20' faz referência ao "Grupo dos 20", uma coalizão internacional composta pelas 19 maiores economias do mundo, mais a União Europeia. O mesmo ocorre no caso do 'G7', em que o *g*- indica o "Grupo das Sete economias mais avançadas do mundo": Alemanha, Canadá, Estados Unidos, França, Itália, Japão e Reino Unido.

O formativo *g*- acaba ganhando estatuto vernacular quando passa a denominar grupos tipicamente nacionais, afastando-se, assim, das primeiras criações alfanuméricas, as quais podem ser interpretadas sem acesso ao inglês, uma vez que *group* e 'grupo' apresentam a mesma consoante inicial. 'G4', por exemplo, refere-se aos quatro primeiros colocados no Campeonato Brasileiro de Futebol. Esses times ocupam as quatro posições mais altas da tabela, garantindo vaga direta para competições internacionais, como a Copa Libertadores da América.

Desse modo, o *g*- funciona como marcador linguístico que sintetiza a ideia do grupo de destaque, excelência e competitividade. A construção alfanumérica 'G4' não apenas referencia os times com melhor desempenho na competição, mas também cria identidade própria para esse conjunto, enfatizando sua importância no campeonato.

Outros casos mais esporádicos de palavras alfanuméricas geralmente indicam uma categoria, nível de classificação ou um componente específico dentro de um sistema. Em sua grande maioria, os termos técnicos que combinam letras e números são comuns em áreas de alta precisão, servindo para padronizar versões, capacidades ou categorias específicas. Ilustremos algumas áreas de especialidade em que ocorrem:

| Ciências da saúde

Nessa esfera, são muito usados para classificar vitaminas e grupos biológicos:

- (8) B1, B2, B6, B12: Diferentes tipos de vitaminas do complexo B.
C, D, K: Outras vitaminas essenciais.

Também se prestam à identificação de linhagens e subtipos de vírus:

- (9) P1: Uma das linhagens identificadas no Brasil durante a COVID-19.
N1 a N9: Classificações da proteína Neuraminidase na superfície de vírus.

Na odontologia, nomeiam diferentes tipos de dentes:

- (10) I1, I2, C1, P1, P2, M1, M2, M3: Códigos usados em odontogramas para identificar dentes (**I**ncisivos, **C**aninos, **P**ré-molares e **M**olares)

Por fim, na anatomia, essa combinação alfanumérica é usada para dividir a coluna por letras que indicam a região e números que indicam a vértebra específica:

- (11) C1 a C7: Vértebras Cervicais (o 'C1' é conhecido como Atlas).
T1 a T12: Vértebras Torácicas (ligadas às costelas).
L1 a L5: Vértebras Lombares (região inferior das costas).
S1 a S5: Vértebras Sacrais (fundidas no osso sacro).

| Automobilismo e transportes

- (12) V6 / V8: Motores com cilindros dispostos em formato de "V" (o número indica a quantidade de cilindros).
M1, M2, M3: Frequentemente usados para nomear modelos de carros esportivos (como a linha M da BMW).

E10 / E85: Classificação de combustíveis pela porcentagem de etanol (Ex: E10 tem 10% de etanol).

Enfim, tem-se, nessa variedade de exemplos, um padrão de formação que se associa diretamente à nomenclatura técnico-científica. Essa função se assemelha à dos primeiros compostos neoclássicos, cuja combinação de radicais gregos e latinos estava a serviço da nomeação de termos técnicos.

Desse modo, palavras alfanuméricas são facilmente identificadas a áreas de especialidade.

| Considerações finais

Neste artigo, procuramos mapear as letras que podem ser consideradas unidades morfológicas de acordo com vários critérios defendidos para identificar formativos pelos principais especialistas da área. Desse modo, pudemos distribuir o que chamamos de “letras morfológicas” em três grandes grupos: (a) as tomadas de empréstimos, (b) as criadas pela analogia e (c) os inicialismos.

Para descrever as unidades do primeiro grupo, recorreremos à noção de *splinter*, já bastante consolidada no Brasil. Pudemos observar que há uma espécie de concorrência entre e- e i- no que diz respeito à nomeação em ambiente virtual. Concluímos que a primeira já está praticamente nativizada, deixando de ser realizada tal como no inglês, [i]. A segunda, por outro, continua sendo pronunciada como um ditongo, [aj], tal como na língua doadora.

As duas letras criadas pela analogia, x- e z, receberam um tratamento um pouco mais teórico, ainda que as demais (e-, i-, -s, g-) tenham sido fortemente descritas segundo os modelos baseados no uso (Bybee, 2010; Traugott; Trousdale, 2013). Para analisar o efeito da analogia na criação de novas unidades morfológicas, recorreremos a Fauconnier e Turner (2002), com o intuito de observar as operações cognitivas atuantes tanto na construção x-X quanto nas z-X.

Por fim, observamos que várias outras letras podem atuar na inovação lexical, a exemplo de g-. Também pudemos constatar que existem muitas formações alfanuméricas, sobretudo no âmbito em áreas de especialidade, como as ciências da saúde. Esperemos, com isso, inspirar novos estudos nessa frente de trabalho ainda inédita no país.

| Referências

ANDRADE, K. E. **Proposta de continuum composição-derivação para o português do Brasil**. 2013. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

ANTUNES, M.; CORREIA, M.; GONÇALVES, R. “E-termos”: descrição e hipótese de classificação. *In*: MENDES, A.; FREITAS, T. (org.). **Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (APL)**. Lisboa: APL & Colibri, 2001. p. 121-130.

- BASILIO, M. O princípio da analogia na constituição do léxico: regras são clichês lexicais. **Veredas** (UFJF), Juiz de Fora, v. 1, p. 9-21, 1997.
- BAUER, L.; LIEBER, R.; PLAG, I. **The Oxford reference guide to English morphology**. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- BROWN, K.; ALLAN, K. (org.). **Concise Encyclopedia of Semantics**. Oxford: Elsevier, 2009.
- BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Henry Holt, 1933.
- BOOIJ, G. E. **Construction Morphology**. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CALCO. *In*: HOUAISS, A; VILLAR, M. de S.; FRANCO, F. M. de M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1 CD-ROM.
- COSTA, B. F. da. Análise da construção de posse no português: ausência *versus* presença do empréstimo [‘s]. **Cadernos do NEMP**, n. 14, p. 79-90, 2023.
- FANDRYCH, I. Submorphemic Elements in the Formation of Acronyms, Blends and Clippings. **Lexis – E-Journal in English Lexicology**, v. 2, n. 20 (1), p. 132-147, 2008.
- GONÇALVES, C. A. V. Paitrocínio, tecno-macumba, maridoteca: o comportamento das formas combinatórias no português do Brasil. **Revista da ABRALIN**, Curitiba, v. 10 (2), p. 67-90, jul./dez. 2011.
- GONÇALVES, C. A. V. Na sextaneja com a caipifruta da mãedrasta: o estatuto morfológico dos *splinters* no português brasileiro contemporâneo. **Diadorim**, Rio de Janeiro, n. 13, v. esp., p. 139-158, 2013.
- GONÇALVES, C. A. V. **Morfologia**. São Paulo: Parábola, 2019.
- GONÇALVES, C. A. V. **Atuais tendências em formação de palavras**. São Paulo: Contexto, 2016.
- GONÇALVES, C. A. V.; ALMEIDA, M. L. L. Por uma ciber morfologia: abordagem morfossemântica dos xenoconstituintes em português. *In*: MOLLICA, M. C.; GONZALEZ, M. (org.). **Linguística e Ciência da Informação**: diálogos possíveis. Curitiba: Appris, 2012. p. 105-127.

GONÇALVES, C. A. V.; ANDRADE, K. A instabilidade categorial dos constituintes morfológicos: evidência a favor do continuum composição-derivação. **DELTA**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 261-294, 2016.

GONÇALVES, C. A. V.; ANDRADE, K. E. El status de los componentes morfológicos y el continuum composición-derivación en portugués. **Lingüística**, Ciudad del México, v. 28, n. 2, p. 119-145, dez. 2012.

GONÇALVES, C. A. V.; PIRES, J. A. O. Uma abordagem construcional para as formações X-dromo do português brasileiro. **Lingüística**, v. 12, n. 1, p. 106-126, 2016.

GONÇALVES, C. A. V.; MENDONÇA JR.; L. V. Do “e-mail” ao e-MEC: análise construcional sobre a história dos “e-termos” em português. **Signum**, Londrina, no prelo.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The way we think**. New Yorker: Basic Books, 2002.

FROMKIN, V.; RODMAN, R.; HYAMS, N. **An Introduction to Language**. Boston, MA: Thomson/Heinle, 2003.

FURTADO, L. R. **Análise semântico-cognitiva das substituições sublexicais em português**. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

HASPELMATH, M. **Understanding morphology**. London: Arnold, 2002.

KATAMBA, F. **Morphology**. New York: St. Citing Book, 1993.

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites**. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LOPEZ-RUA, P. On the structure of acronyms and neighbouring categories: A prototype-based account. **English Language & Linguistics**, v. 6, n. 1, p. 31-60, 2002.

MATTIELLO, E. Analogical Neologisms in English. **The Italian Journal of Linguistics**, v. 28.2, p. 103-142, 2016.

PERINI-SANTOS, P.; MELLO, H. Inovações na Morfologia do Português Brasileiro: tendências para a ampliação do léxico por gramaticalização, lexicalização, analogia. **Domínios de Linguagem**, v. 5, n. 2, p. 7-29, 2011.

PIRES, J. A. O. **Uma abordagem construcional dos splinters** não nativos no português do Brasil. 2018. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SILVA CRUZ, C. L. “E-termos”: descrição, empréstimo e variação. **Proficientia**, Cuiabá, n. 3, 2008.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Como citar este trabalho:

GONÇALVES, Carlos Alexandre; SOUZA, Lalia do Nascimento de; MENDONÇA JR, Luciano; SANTOS, Sarina Batista. Do e-social ao G4: primeiras notas sobre o uso de letras morfológicas no português do Brasil. **Revista do GEL**, v. 22, n. 2, p. 111-136, 2025. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>. Submetido em: 27/01/2026 | Aceito em: 06/03/2026.

Submetido em: 30/01/2026 | Aceito em: 06/03/2026.